

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Escola de Belas Artes - EBA
Dayane Pedrosa Silva

**O VESTUÁRIO NAS OBRAS LITERÁRIAS – UM ESTUDO DA OBRA “O
SEMINARISTA”**

Belo Horizonte

2018

Dayane Pedrosa Silva

**O VESTUÁRIO NAS OBRAS LITERÁRIAS - UM ESTUDO DA OBRA “O
SEMINARISTA”**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Design de Moda da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Design de Moda.

Orientadora: Prof.^a Soraya Aparecida Álvares Coppola

2018

Belo Horizonte

RESUMO

Esta monografia analisa a relação entre vestuário e literatura, explorando a conexão entre esses universos. O objetivo da pesquisa é analisar o uso de elementos do vestuário tendo como base um texto literário. Além disso, o texto serviu como inspiração para experimentar o processo transposição entre dois universos: o verbal e o visível. Assim, buscamos analisar o processo dessa transposição sem o intuito de focar em um resultado imagético final, uma vez que o importante é o registro da experiência. O método utilizado foi a análise do texto *O Seminarista* de Bernardo Guimarães, investigando como o autor explora ou não o uso de elementos têxteis em suas cenas, como uma forma de caracterizar seus personagens. Após a leitura do livro, utilizando métodos de criação do Design de Moda, houve o processo de transposição que consiste em buscar inspiração em referências textuais para criar um processo de troca entre a estrutura legível e a visível. Uma experiência de entender as coisas através de percepções diferentes, explorando as idéias de um autor, com toda uma história contextualizada. Este último, que utilizando a inspiração desenvolve seu imaginário, não somente com as referências do texto, mas com sua bagagem de experiências, abre um grande leque de possibilidades nessa troca.

Palavras-chave: Vestuário.Literatura.Transposição.Processo.Visível.Legível.

ABSTRACT

*This monograph analyzes the relationship between clothing and literature, exploring the connection between these universes. The purpose of the research is to analyze the use of clothing elements based on a literary text. In addition, the text served as inspiration to experience the process of transposition between two universes: the verbal and the visible. Thus, we seek to analyze the process of this transposition without the intention of focusing on a final imagery result, since what is important is the recording of experience. The method used was the analysis of the text *The Seminarist* of Bernardo Guimarães, investigating how the author explores or not the use of textile elements in his scenes, as a way of characterizing his characters. After reading the book, using methods of creating Fashion Design, there was the process of transposition that consists in seeking inspiration in textual references to create a process of exchange between the readable structure and the visible. An experience of understanding things through different perceptions, exploring the ideas of an author, with a whole contextualized story. The latter, using inspiration, develops his imaginary, not only with the references of the text, but with his baggage of experiences, opens a great range of possibilities in this exchange.*

Keywords: clothing, literature, transposition, process, visible, readable.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Padre Antônio Vieira.....	33
Figura 2 - Janela em aquarela.....	34
Figura 3 - Bonito senhora.....	35
Figura 4 - Gioventù	35
Figura 5 - Daisy Delight Palette.....	36
Figura 6 - Painel de inspiração mulheres	36
Figura 7 - Painel de cores quentes.....	37
Figura 8 - Painel de cores frias.....	38
Figura 9 - Painel de formas	38
Figura 10- Desenho para bordado	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	O VESTUÁRIO E A LITERATURA	11
3	INTERMIDIALIDADE	20
4	DO TEXTO AO TÊXTIL.....	24
4.1	A construção de imagens vestíveis.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	45
	ANEXOS	47

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia discute a relação entre a arte literária e o vestuário desenvolvendo a conexão entre romance, vestuário e desenho e remetendo elementos que, convocados pelo texto, inspiram através da visão do leitor criando um estudo de percepção.

Utilizando elementos do Design de Moda e inspiração literária, o principal do trabalho é perceber o processo desenvolvido para que de uma base verbal se possa construir um registro visual. Sem o intuito de valorizar um elemento sobre o outro, mas utilizando os que forem julgados mais relevantes com mais frequência.

As relações do vestuário e o universo têxtil abrangem toda a vida do ser humano. Nascemos e já somos cobertos e ao longo do nosso crescimento, passando por cada fase da vida, somos expostos e lidamos com variadas vestimentas de acordo com inúmeras situações. Sabemos o valor que a indumentária tem e o quanto ela influencia nossas relações internas e externas. Pensando nesse contexto tão significativo, este trabalho se propõe a explorar a relevância da narração desses elementos nas Artes.

Falar sobre indumentária nos permite muitos vieses e a exploração de diversos aspectos, como sociais, culturais, religiosos, políticos, históricos etc. Por todas essas relações do vestuário sua representação nas artes não se torna aleatória. Há um significado, seja ele qual for, quando um autor utiliza o vestir e o não vestir em sua obra.

O vestuário gera, enquanto objeto de estudo e inspiração, algumas possibilidades de abordagem, são diversas as suas relações com a vida em geral. A questão é que, o vestuário, um elemento constituinte do cotidiano, deixou de ser um objeto de função prática e utilitária. Credito esse interesse da arte, nas questões que foram sendo levantadas e me refiro em como a indumentária não constitui um algo isolado. Tem relação com estilo de vida, símbolos, economia, raças, geografia, poder, eventos. É uma área composta por diversos códigos e especificações.

É por todo esse peso que o vestuário e os elementos têxteis têm que este trabalho se volta para a Literatura e suas relações com este universo. O recorte feito se concentra em escritores do século XIX, considerando que neste período já existe a atuação dos costureiros e a já existente moda. Com a indústria da moda em ascensão e os meios de comunicação em atividade, as relações entre o homem e o vestuário passou por ajustes e evoluções, porém permaneceu firme em sua associação.

O trabalho busca, dentro da literatura, uma abordagem que esteja relacionada ao registro da influência do vestuário, sem interesse ao que se relaciona à publicidade de moda. Os alvos são escritores que trabalharam com textos em prosa e/ou poesia e nos três gêneros (lírico, épico e dramático) que utilizaram bastante da descrição do vestuário como uma forma de enriquecer suas histórias.

Como objeto de pesquisa utilizar a Literatura Brasileira, especificamente no período do século XIX, e fazer uma análise da exposição do vestuário dentro da arte literária. O objetivo deste trabalho é levantar as referências feitas ao vestuário, dentro da literatura, e explorar a forma como a descrição desse universo têxtil, coopera com as histórias criadas pelos autores. O intuito é levantar textos e trechos que falem do vestuário, a sua utilização naquele enredo, seu papel dentro do texto, a influência do contexto histórico do período, etc. Avaliar a ênfase dada a ele, tendo-o como elemento principal ou complementar dentro da história. Analisar a maneira que os autores descrevem o vestuário, destacando ou não ou valor desse objeto.

Em se tratando de situar essa pesquisa dentro das obras da Literatura Brasileira no século XIX, consideram-se as diversas mudanças sociais alvoroçadas nesse período e que em breve eclodiriam. Um momento onde a indumentária feminina passaria logo por muitos processos de mudanças, influência dos grandes acontecimentos desse período. Podemos citar a Revolução Francesa, Revolução Industrial, as guerras, o processo de urbanização e a utilização das máquinas, introduzida nos processos de produção dos mais diversos setores.

Além do recorte feito com autores referência ser da Literatura Brasileira do século XIX, o vestuário feminino será o viés de observação nas obras. Essa abordagem ocorrerá por uma percepção de que esse gênero na maioria das vezes obteve maior destaque, por mera preferência, ou também por ser uma indumentária detalhada e mais variáveis durante a história.

É interessante analisarmos que a roupa, pode ser também um tipo de linguagem, constituída por códigos e simbologias que representam vários significados que existiram ao longo da história e ainda existem. É pensando nessa característica das roupas, que há utilidade de sua colocação em textos, como uma ferramenta de complementação do registro, independente do intuito deste.

O vestuário vem como um elemento significativo na narrativa, criando mensagens dentro do contexto das cenas. O seu uso não se torna decorativo ou corriqueiro nas histórias, ele é usado de forma consciente e totalmente influente. Seus códigos contem dos personagens, cenários, situam-nos classes sociais, situação econômica, religião, tradições, etc.

Sob esse olhar que percebe o vestuário dentro da obra literária, percebemos as ligações entre áreas, Design de Moda, Literatura e as artes, fazendo essa ligação pelo eixo da intermidialidade. Essa experiência nos traz uma visão menos usual onde a narrativa se constrói, também, através do universo têxtil, tomando esse viés através dessa posição do design de moda.

Nessa construção, sustentamos a visão voltada pra esse domínio têxtil e buscamos itens indispensáveis que permitirão a construção desse vínculo de áreas. A análise dos elementos vestíveis depende da determinação de uma obra literária, que será o objeto base para o trabalho. Dela serão extraídas as percepções que formarão o embasamento da experiência e de onde serão retirados elementos que permitirão o acontecimento da transposição e conversação entre áreas.

Nesse caminho de ideias para a escolha da obra, chegou-se a decisão de direcionar para o ambiente mineiro como valorização regional do trabalho. Outra característica que se tornou relevante na escolha foi procurar um escritor que fosse detalhista em seu texto, o que levou ao autor Bernardo Guimarães. De um trabalho lindo e minucioso, em suas obras faz questão de explorar a simplicidade e a riqueza de detalhes dos ambientes rurais de sua época e os “trejeitos” das pessoas.

A obra *O Seminarista* foi uma escolha feita mais livremente, após a definição do autor o próximo passo era escolher uma de suas obras sem muitas restrições. Neste texto vemos algumas características, sendo ele leve, detalhista e conta com consistência o drama da história e caracteriza lindamente os ambientes e os personagens. A expectativa principal era encontrar uma quantidade consistente de descrições do vestuário dentro da narrativa para o desenvolvimento do trabalho de acordo com as projeções.

O capítulo “O Vestuário e a Literatura” fala da relação entre as obras literárias e seu uso das descrições do vestuário como complemento de caracterização dos personagens e das cenas. Em como as artes dependem de ferramentas mutuas para criarem suas narrativas e como existe uma correlação e diálogos entre o universo do vestuário e o da literatura. Valorizando a vertente da indumentária como de suma importância na escrita, depositando um olhar que analisa o contexto pelos elementos têxteis.

“Do Texto ao Têxtil”, introduz os relatos sobre o processo de leitura da obra escolhida neste trabalho e a transposição de percepções de acordo com a leitura e interpretação. Buscando introduzir ao leitor qual a percepção era esperada durante o processo, diante das referências do autor, da história, dos personagens e do espectador. Este capítulo se utiliza como uma introdução para o próximo, onde de fato o percurso de experimentação foi detalhado.

Em “A Construção de Imagens Vestíveis” todo o caminho é relatado passo a passo, mostrando cada etapa, desde a escolha do livro. Perpassa a análise das características do autor e da obra, explica quais os elementos foram extremamente importantes para o

processo, o valor da escrita na construção do caderno de processo, as dificuldades, o desenvolvimento dos painéis até a criação final.

2 O VESTUÁRIO E A LITERATURA

A moda tem como fonte de inspiração a arte que é uma base de referências aos criadores do vestuário. Entretanto, a arte também se utiliza do corpo e do vestuário como maneiras de expressar as ideais, e estes, sendo fonte de grande referência para obras. Desses dois elementos criam-se relações e histórias ao longo das sociedades, tendo que uma história é segundo Bueno (2007, p.412), "narração dos fatos da humanidade [...]". Sabemos que a arte como uma freqüente adepta da criatividade e do lúdico, não deixa os fatos de lado, nesta realidade pode-se encontrar o valor das representações artísticas na fundamentação da história. A arte como forma de expressão, através daqueles que a faz, perpassa alguns entendimentos da capacidade do homem, como o imaginário, psicológico, ficcional, memória, etc., e mantém o envolvimento com o mundo real.

A realidade que o artista lida, permite que ele faça uso das suas experiências de vida, da sua visão de mundo, dos acontecimentos de extensões maiores, das relações com os outros seres humanos e ainda do mundo material que ele tem a seu redor. É claro que, todos esses elementos se interligam ao decorrer do processo criativo, sendo essas articulações responsáveis pela carga emocional que uma obra tem.

Essa relação entre o universo material e as percepções (imaginário, psicológico, ficcional, memória, etc.) que o artista utiliza, permitiu que um forte elo se estabelecesse entre estes dois mundos. A arte narra com muita sensibilidade, realidades mais profundas e enigmáticas, fala da vida, das relações, fala do rotineiro, do simples e do complexo. É um trabalho que não existe sem a realidade, mas que também inspira a existência humana gerando uma interdependência.

Dentro desse contexto artístico, vestuário e percepções da vida humana, este trabalho se direciona para o cenário da arte literária e o vestuário. Como ambas, em suas possibilidades transmitem as percepções do mundo, do mais simples ao mais complexo, do mais popular ao que é mais tabu, do mais consensual ao polêmico, enfim. Trabalham nesses sentidos, e de forma concomitante e inter-relacionadas.

A Literatura é uma das artes que permite ao homem comunicar lembranças e idéias, e o meio com que isso acontece são as palavras. Palavras que, anunciam e comunicam, e levam de geração a geração as conquistas e derrotas de seu povo. Através delas, o ser humano pode falar de todos os aspectos da vida e deixar registrado pensamentos de muito valor. Esse fascínio pelas palavras despertou o desejo de procurar e registrar, o que a literatura guardou para nós, sobre qual a relação do homem com a roupa, no século passado. Falar de como a arte tem também o corpo e seus pertences como maneiras de expressar as idéias, sendo fonte de grande referência pra obras.

Sob tal enfoque, percebemos que a arte exprime os mais elementares costumes do ser humano, tendo o vestuário e os fazeres têxteis um lugar significativo no gosto dos artistas. Referindo-se ao termo elementar, não se trata de uma intenção em desvalorizar, é mais uma maneira de reconhecimento da necessidade destes costumes. Fazeres rotineiros, repletos de memória e que são inerentes ao dia-a-dia do homem. Visto que a mentalidade do homem, desde o Renascimento, passou a abordar o interesse de uma vida material. Desta maneira as coisas do cotidiano tomaram maior importância para o homem de tal forma a transmitir essa relevância em suas formas de expressão.

É por isso que vemos em todas as artes, o vestuário sendo representado, seja de uma forma tradicional e realística ou de uma maneira lúdica ou caricata. As construções feitas pelo homem, ao longo dos séculos, com suas vestes e com ornamentações têxteis, exprimem consistentemente o quão relevante e apreciável esses elementos são.

O vestuário como fonte de inspiração, teve enquanto objeto para arte, uma forma bem representativa ou autônoma. Sendo de grande interesse, os trabalhos sempre cheios de detalhes e intensas informações, como cita Costa (2009, p.7)"As especificidades em que se decompõem demonstram a intensidade da investigação em individualidades e expressões coletivas [...]".

A arte está presente em nossa existência, com suas várias possibilidades de função e intenção. De um ponto de vista relacionado ao vestuário, podemos pensar que ela pode desenvolver uma função de divulgação ou registro. Como divulgadora poderia passar

costumes, tradições, regras de indumentária e trazer novidades. Como uma maneira de registrar, guardar tradições, lembranças e relações dignas para se trazer à memória.

O livro *Roupa de Artista* foi utilizado como uma base para a compreensão de como a arte se apropria das possibilidades terrenas para criar. Como em Costa (2009, p.7), "Na original síntese que constrói abrangendo esses grandes contextos culturais, ressalta as fortes "relações com o corpo, a identidade, o poder e a sexualidade." Essas relações tornam-se de valor para a autora, que destaca a importância delas dentro dos períodos da humanidade e suas artes. Desse pensamento vemos um exemplo de como o corpo e o que ele utiliza são tão necessários na construção artística.

Esse é o tema deste trabalho, recortado a partir das muitas perspectivas que o vestuário oferece. Vê-lo, estudá-lo, percebê-lo, através da sensibilidade de um artista, mas àquele cujo trabalho é executado através das palavras. O registro que dá vida e corpo a um momento factual ou fictício, mas que diz muito da sociedade, principalmente em um momento em que a história ocidental estava cada vez mais culminando em mudanças e diversidades. É nesse sentido de representação de ideais que as roupas fizeram - tão maravilhosamente bem - seu papel de expor muito mais que um singular gosto, mas o "farfalhafar" da sociedade.

Por isso como conhecemos hoje através de estudos de diversos autores, que o vestir a muito tempo deixou de ser um ato simplificado de proteção e pudor. É interessante que o vestir e o não vestir não são escolhas insignificantes. O homem se veste, por alguma razão, motivo, local, clima, classe social, humor, tudo é colocado em xeque para a escolha, e o não vestir, o nudismo, também tem suas motivações culturais. Todas essas construções do homem e o vestuário despertaram a atenção dos artistas e vemos as mais diversas formas para trabalhar com esse tema em obras.

O uso da representação do vestuário nas artes ganhou relevância, essa transcrição foi muito útil em momentos históricos. É um complemento para registros importantes e o que nos permite hoje conhecer os costumes de muitas civilizações antigas. Costa trata sobre os registros do momento de colonização do Brasil, (2009, p. 24), "Na obra de

Debret as descrições da natureza, vida social, cidades, tipos humanos, costumes, pecados e qualidades dos brasileiros, assim como as vestimentas de seus personagens, que podiam ser figuras da Corte, habitantes das ruas, índios ou negros escravos [...]". Vemos um exemplo da importância desses detalhes dentro da arte, se bem preservados tornam-se informações históricas que reafirmam épocas.

Ao introduzir esse exemplo com os registros históricos de Debret, faz-se uma relação com o interesse em buscar referências literárias que façam juz aos costumes do povo brasileiro. Narrar o vestuário do nosso povo, é uma forma de detalhar nossa história, conhecer sobre o povo brasileiro. Isto obteve importância desde a origem da colonização, momento fundamental para o país, onde havia a coexistência de vários povos e costumes, assim como em toda história humana.

É no século XX a ocasião que mais aproximou a arte do cotidiano, trazia para esse lugar a espontaneidade, a rebeldia, ousadia, as rupturas dos padrões. A aproximação da arte com áreas mais habituais, não poderia deixar de lado a representação do vestuário, fazendo valer estas mudanças. A arte sempre esteve ligada à vida humana e por mais que represente o luxo em diversos momentos históricos, há ali a simplicidade, a vulnerabilidade, as necessidades e a humanidade mais trivial do existir.

O livro *Roupa de Artista - O Vestuário na Obra de Arte*, de Cacilda Teixeira da Costa foi o fundamento para desenvolver a linha de pensamento que relaciona o vestuário e a arte. Apesar de estarem situadas no século XX e no contexto do Brasil, as obras literárias referidas neste trabalho, sendo este um momento onde o fenômeno moda já existia e estava em total ascensão e é possível que já tenha sido referido na literatura, ressalto que o direcionamento deste trabalho está em totalidade com o valor de estabilidade do vestuário. Ou seja, não é de interesse para as referências têxteis, aquilo que foi escrito com o intuito de publicação para venda e de maneira a enfatizar a efemeridade da moda. Referindo-se assim, que esta estabilidade é conquistada através das relações do ser humano e suas roupas. O que nos leva à sentimentos como o apego e memória, o que é responsável por gerar significados.

Tem-se então, a probabilidade de um significado consistente dentro das obras literárias, quando um autor aborda a descrição do vestuário. A própria obra é uma memória, e suas histórias são outras memórias. Ao abordar a narrativa de elementos do universo têxtil, muitos autores o fazem com maestria de detalhes como uma forma de construir seus personagens e ambientes. É uma maneira de enriquecer a elaboração mental de todo contexto narrado, da mente do autor para o texto e do texto para a mente do leitor.

Podemos ver essa mistura de universos como algo muito comum, afinal desde a infância somos expostos a textos que de uma forma ou de outra abordam o vestuário. De fato, artes e cotidiano, não andam distantes um do outro, já que pertencem ao uso e disposição do ser humano, porém é uma relação incrível e que se trata de um potencial estudo para o homem.

Neste viés, se esbarra em uma área de estudos que analisa essas relações entre duas ou mais mídias, a intermidialidade. É uma área que tem um percurso de análise de acordo com as formas de relação entre as artes:

Alguns autores propuseram tipologias e classificações para descrever as possíveis relações entre duas ou mais mídias. Irina Rajewsky por exemplo, sugere três formas de relação entre mídias: Transposição midiática (transformação de um produto midiático em outra mídia), combinação de mídias (combinação de ao menos duas mídias convencionalmente distintas) e referência intermidiática (um produto midiático faz referência ou imita elementos ou estruturas de outra mídia através de seus próprios meios) (AGUIAR; AGUSTONI; CARRIZO, 2015, P. 11).

A relação na qual se encaminha este trabalho concentra em uma junção de combinações de mídias e a referência intermidiática. Quando o vestuário e a literatura interagem dentro de seus espaços, há nesse acontecimento uma junção de mídias, onde uma não perde seu valor, mas ambas constroem uma percepção que vai além da leitura e do vestir. Também há a possibilidade de abordar esta relação como uma forma de referência intermidiática, onde um pode se referir ao outro utilizando suas metodologias.

A correlação entre Literatura e a Moda sempre existiu, um exemplo é quando temas são expressos na própria roupa, de forma explícita como ditopor Costa (2009, p. 49):

“Temas oníricos de Max Ernst (1891-1976) e Man Ray foram bordados em vestidos, em 1938.” Neste caso a relação é a arte expressa no vestuário, mas exemplifica como a moda e as artes funcionam bem juntas. A autora também discorre sobre como há um interesse no vestuário pelos artistas:

A ‘roupa de artista’ continuou como objeto de reflexão, não mais para transformar a imagem das pessoas e vestir a humanidade como pretendiam os futuristas e suprematistas, mas como uma área de experimentação para artistas que se apropriam do vestuário como meio ou suporte de suas obras (COSTA, 2009, P. 49).

É possível estudar culturas através da arte literária, inclusive, a filologia é uma estrutura que exemplifica bem essa realidade, o objeto de estudo é outro, entretanto buscam nas referências textuais suas descobertas. Dessa maneira, também é possível estudar os costumes do vestuário de um povo. Tomamos como referência o que Costa (2009, p.37) diz: "Muitas vezes o traje foi objeto de reflexão e transformou-se em meio de expressão e suporte para criação, de que os artistas apropriam-se sob as mais variadas perspectivas".

Dentro dessas possibilidades que esta pesquisa se discorrerá, pontuando e estudando referências literárias que fazem grande uso da descrição ornamental. A relação do vestuário utilizando sua tela em interação com textos também será um elemento pesquisado. Há momentos da história que essas conexões atingem níveis fantásticos, sendo atuantes midiáticos de grande influência.

Pode-se lembrar do século XX, marcado pelo entusiasmo e tumulto de movimentos artísticos, que se empenhavam em configurar/refletirem seus ideais e simbolizá-los através das maneiras possíveis, sendo o vestuário uma delas. Um período de muitas mudanças, onde a literatura absorvia essas energias e descrevia à sua maneira. Esta percepção literária que incorporava as realidades desse século e transpunha de forma poética, também agregando o vestuário a essas memórias. Registrando as mudanças na visualidade das roupas, que seguiam os movimentos que aconteciam.

Falar sobre os tecidos e a indumentária é falar de história e memória. Esses elementos acompanham as mudanças de períodos, marca acontecimentos e até mesmo leis de regimento de um povo à exemplo:

Nesta posição de "pintor da história" e professor da recém fundada Escola Imperial de Belas Artes, retratou os soberanos e os acontecimentos históricos que presenciou, além de trabalhar na elaboração de uma imagem da monarquia e do jovem país, realizando obras de ornamentação pública, desenhos para a bandeira e o pavilhão imperial, modelos para vestimentas de ordens religiosas e militares e, muito possivelmente, modelos das roupas de gala dos soberanos, nobres e ministros (COSTA, 2009, p. 24).

O artista, ao longo da história humana pôde interpretar o vestuário, a sua história e relações com a sociedade e comunicar isso através de suas obras. Esse meio de comunicar através da arte tem um alto valor ao longo dos anos. Nesta importância que este trabalho se volta para a Literatura e observa a relação da comunicação com as pessoas. Um ideal, uma história baseada na realidade, ou uma estória lúdica para distrair a mente do real, etc. A Arte é um meio de compartilhar coisas e da maneira mais criativa.

As narrações ou trazem o vestuário como protagonista ou elemento secundário, histórias sempre descrevem os trajes e artigos têxteis dos ambientes como algo complementar. Mas todas essas informações compõem fundamentalmente o contexto e a cena. Muitas vezes, um único traje possibilita uma profundidade de falas que podem proporcionar um conhecimento da história e personagens envolvidos. Com uma abordagem sensível é possível trazer à tona sentimentos saudosistas.

A representação ou a descrição do universo têxtil, muitas vezes vem acompanhada da história, traços, refinamentos daqueles que os representam, possuem, vestem. Há sempre um sentido que complementa o uso cotidiano, pois as escolhas e as próprias opções são motivadas por sentidos ideológicos mais gerais ou uma preocupação pessoal.

Através da descrição do vestuário é possível caracterizar bem os personagens, dentro de sua classe social. E ele é complemento para enriquecer os momentos contados, desde situações de extremo luxo ao mais corriqueiro costume.

Outra característica da descrição do vestuário em obras, é que, em grande maioria ele se relaciona com muito mais profundidade ao universo feminino. Mulheres são sempre tomadas como musas de inspiração e todo o universo têxtil que se correlaciona à sua vida é intensamente envolvido.

As descrições do vestuário podem ser técnicas ou bem ilustrativas e idealistas. Em alguns autores a descrição é bem detalhada, constando mínimas informações, porém com o intuito e funcionalidade, enquanto outra abordagem é decorativa e com foco ornamental, falando mais a beleza.

O vestuário se compreendido como uma linguagem traz muitas propostas sobre quem o usa e onde é usado. A inteiração da roupa com o corpo gera diversas interpretações, onde o vestuário diz muito sobre a pessoa que o usa. Nesse contexto que podemos entender a importância da descrição deste em histórias da Literatura, onde o detalhismo dos ambientes e personagens possibilita a concretização das cenas para o leitor.

No trecho em que Costa (2009, p. 41) "[...] com o intuito de, por meio da roupa incentivar as pessoas a participarem da Primeira Guerra Mundial." Podemos ver um exemplo de como a roupa é um objeto influente e com significado. E como os escritores podem fazer uso desta característica, temos o exemplo de uma abordagem idealista da roupa. Incentivando o uso de determinados trajes com o intuito de representar ideais de um grupo específico.

Analisando o livro usado para observação da descrição do vestuário, O Seminarista, de Bernardo Guimarães, será feito uma exposição de trechos detalhados. O autor dessa obra é conhecido por sua característica de caprichar nas narrações, ambientando muito bem o seu leitor.

È relacionar o texto com o universo têxtil, passando pelo intermédio da imagem, que evocará percepções da estória. Trazer referências da leitura, contextualizada na época em que foi escrita e a época que se passa a história trabalhando suas conexões. O aspecto informativo de ambas as mídias permite que em essência uma possa ser identificada na outra, mas também podemos gerar uma produção totalmente independente uma da outra, sendo expressar em signos e superfícies diversas.

3 INTERMIDIALIDADE

Para falar dessa conexão de áreas, aborda-se a linha de estudo que tem um percurso de análise de acordo com as formas de relação entre as artes, a intermedialidade. De acordo com Ipotesi (2015, p. 11) Para a existência desse estudo precisa haver a “combinação de ao menos duas mídias convencionalmente distintas”.

Intermedialidade está relacionada à interação entre mídias, estas por sua vez compreendem-se, parafraseando Cluver a uma associação do meio físico e a transmissão de signos. Existem as mídias sonoras, as mídias de impressão, as mídias verbais, etc, todas elas se distinguem em ferramentas, meios e a forma de recepção de suas mensagens, mas constituem-se de signos que possuem sentido.

Temos aqui uma combinação midiática, onde o verbal se relaciona com o imagético e o têxtil, signos e superfícies que se associam. Com o valor não somente de uma tradução, mas uma transposição de percepções, onde uma complementa a outra e você olha para mídias diferentes e encontra uma essência ali.

Cada elemento, o texto, imagens, desenhos e o têxtil, geram percepções diferentes, mas um não predomina sobre o outro. Além da combinação midiática nesse caso, também acontece a intertextualidade com a utilização de alusões do texto verbal durante o processo de transposição. Essa é outra maneira de associação entre mídias, quando se refere e faz alusão de algum texto.

Outra possibilidade de uso da intermedialidade neste contexto é a transposição midiática, a qual foi comentada durante o processo de desenvolvimento deste trabalho. Neste caso, permite-se que com uma “fonte” se alcance o “texto alvo” parafraseando Cluver novamente. Neste caso “... o novo texto retém elementos do texto-fonte (trechos do diálogo, personagens, enredo, situações, ponto de vista, etc)” Pós, 2011, p. 8, essa é a essência da transposição.

Quando pensamos em Literatura, pensamos em letras, palavras, frases, etc, elementos que possibilitam a construção de trechos com um sentido. Eles são capazes de criar dentro da narração cenas de maneira tão descritiva que nos leva a imaginar todo elemento contado.

Discute-se por longo período qual seria a origem da escrita e seus sistemas, uns a adotam como autônoma, outros afirmam que sua utilidade é preservar o que foi dito, outros defendem que ela veio da imagem. Este ponto é o que mais se torna relevante para este estudo, pensando que a escrita descreve o objeto, é através dessa função que ela, dentro de uma estória literária vai caracterizar suas cenas.

É através dessa característica linguística que dentro da Literatura encontramos descrições maravilhosas da indumentária e ornamentações. A palavra nos leva a criar imagens em nossa mente e nos permite construir um acompanhamento imaginário do que lemos.

Nessa relação vemos o quão significativo é a conexão entre vestuário e Literatura. A abordagem aqui se refere, no apoio que a descrição de indumentária, dentro de uma história, possibilita a concretização das cenas e da ideia. É um uso muito comum dentro da Literatura, dos romances, poesias, textos de classificações diversas utilizarem essa possibilidade.

É possível vermos o quanto essa capacidade de descrever pode ser tão detalhista e criar uma realidade cênica incrível. Os relatos dão detalhes dos trajes dos personagens e dos locais que eles se situam. É uma riqueza que torna a conexão do leitor com toda cena, de maneira a envolver e dar entendimento maior das ideias do autor.

As abordagens do vestuário em textos ocorrem de diversas maneiras: seja como crítica, como exaltação, como uma receita de uso, descrição técnica, afetiva, ilustrativa, idealista etc. Essas abordagens também constituem fonte de pesquisa e análise para este trabalho.

A arte Literária é a arte da escrita, que conta algo, diz sobre algo, registra em palavras o real e o material, aquilo que vemos e vivemos. Além desse aspecto, ela possui um caráter utilitário, quando se coloca na função de registrar elementos da oralidade e também elementos do universo visível.

Na realidade essa relação entre escrita e imagem/objeto torna-se uma via de mão dupla. Onde a escrita descreve e leva a mente ao que é visível – criam-se imagens mentais -. Sendo o outro lado da via, a visualização de imagens que são descritas mentalmente enquanto há a observação.

Dessa forma, são significações dependentes, a da imagem e a do texto, no processo de compreensão geral. Quando uma imagem é observada, em pensamento, oralmente e às vezes até escrito, ocorre o processo de tradução de signos, ou seja, a percepção da imagem se dá através de uma descrição que é automaticamente gerada quando se está observando-a.

Essa correlação é tão iminente, que se pode observar o quanto um elemento complementa o outro – legível/visível. É algo comum se ver o uso de ilustrações e desenhos para exemplificar e, de certa forma dar uma maior consistência, a textos de diversos gêneros. E é também comum, o uso de legendas e descrições escritas e/ou orais para explicar imagens e objetos.

As palavras nesse processo de transposição de signos, do legível para o visível, estão como um berço para a imagem, que depende da escrita situada dentro da estória. Não se trata aqui de uma classificação de valores entre texto e imagem, mas uma relação necessária para o contexto desse trabalho. É necessária essa sequência, pois aqui se cria uma evocação de um universo visual que tem como base o texto.

Relacionando esses universos, percebe-se o quão ligado estão e o quanto suas relações incentivaram diversos estudos, colocações e teorias. Neste caso, trazendo um trecho de Simónides de Ceos, difundido por Plutarco em *De Gloria Atheniensium* (3:346 f:347 c),

onde, de acordo com Ceos, conforme citado por Moisés (1997, p 459) “a pintura é a poesia muda, e a poesia, pintura que fala”.

Pode-se ver o quanto que no entendimento sobre um texto e uma imagem, ambos expressam, através de signos que se diferem, ideias associadas. Se uma pintura representa uma casa e o texto descreve esta casa, em ambos os casos se irá chegar a uma ideia de como é a tal casa. O exemplo aqui é simples, mas faz-se perceber, que mesmo por processos diferentes, ambas as áreas irão cumprir uma função, que se coloca como um método de comunicação.

Dessa maneira, sendo um veículo que comunica essa é a ideia de mídia, e mídias que se relacionam, são casos de intermedialidade. Nessa troca de relações (escrita/imagem) há uma junção, uma força entre esses universos que conectam, enriquecem, valorizam as nossas concepções.

Todas essas conexões e comunicações midiáticas são capazes de gerar narrativas próprias. Elas se conectam de forma que nossas percepções da visão, fala, audição e a leitura compreendam as mensagens. Sendo neste trabalho a utilização da literatura e o desenho como estímulos para o processo de criação. A literatura como uma inspiração na visão artística do leitor, que compreende referências e explora sua criatividade.

4 DO TEXTO AO TÊXTIL

O processo da leitura de um livro acontece concomitante a “imagetização” do que é descrito. Nosso cérebro entende o que se lê e busca num registro de imagens que nos foram expostas, e de alguma forma foram concretizadas em nossa memória, criando uma ilustração mental da narrativa.

Desse modo entendemos a leitura não só como o ato de ler e compreender o significado, mas também a concretização do novo texto em imagens mentais. Assim neste trabalho a importância dessa conexão entre as palavras e o registro mental imagético é essencial, sendo um dos objetivos da pesquisa.

O desafio é registrar essa transposição que ocorre entre essas duas mídias, o escrito e o visual, como uma tradução autoral e do ponto de vista direcionado pela moda. Conectar o racional e o lúdico enviesado por outra área afim que é o Design de Moda, para que este não se torne apenas uma ilustração literal.

A leitura do livro, *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães é uma leitura fluída e leve, onde você passa pelos ambientes e personagens e consegue se imaginar naquelas cenas. A leitura se caracteriza intensa e sensitiva, com detalhes de descrição e toques suaves. É possível manter uma conexão com os acontecimentos e os personagens envolvidos através do texto.

Em seu livro, Bernardo Guimarães não ilustrou sua estória com desenhos ou pinturas, não há imagens bidimensionais em suas páginas. Isso não exclui a capacidade ilustrativa do seu texto, porém essa ilustração vem da descrição detalhista do autor. Desse modo ele trabalha com o imaginário, tanto o seu, que é a fonte inicial para a criação, e também com o do leitor.

Quando se escreve e se lê, você pinta uma imagem na sua mente, cada indivíduo processa a descrição a sua maneira e têm uma experiência mental e criativa. Transpor essa experiência para o bidimensional é outro passo. Demandará uma percepção

individual sensível, métodos para compreensão, entrando um pouco em intersemiótica (entender um signo através de outros signos) e ainda usar ferramentas específicas para o tipo de transposição (lápiz, canetas, papéis, formas digitais, painéis, rascunhos, etc.).

A imagem aqui buscada é uma imagem dependente do texto, sua base são as ideias do escritor que contextualizou todo cenário e vestuário. É interessante perceber que nesse ponto onde se dá abertura para a imaginação e interpretação, cada mente irá captar e transmitir uma “imagnetização” muito ligada às suas peculiaridades. O autor teve uma ideia e torna-se improvável alguém pensar e transpor exatamente o que ele desejava no momento do desenvolvimento do livro. É passível de lembrar, que há uma essência dentro das descrições e que sua identificação é totalmente possível, o que leva ao leitor ter percepções fortes do cenário e personagens.

Não há como fugir totalmente da proposta do autor, sendo o registro vindo de suas inspirações, as percepções do leitor serão guiadas através disso. O que acontece, é que cada ser humano tem seu entendimento baseado em suas experiências, há uma autonomia em cada um. Com isso ao fazer algum tipo de leitura cada indivíduo evocará o seu sentido, memórias visuais, muito específicas.

A percepção de extrair de um texto uma história própria, condizente à sua ligação com a leitura, às informações dadas pelo autor. Elaborando através de palavras imagens, que se iniciam mentalmente, e que transpostas a alguma superfície dará vida a um desenho autoral. Com o intuito principal de se juntar ao universo têxtil, e trazer vida ao tecido, ao acessório, ao vestuário, à indumentária em si.

4.1 A construção de imagens vestíveis

A escolha do livro para o projeto foi direcionada por alguns fatores que ajudaram a fazer o recorte do universo amplo de obras literárias: estar dentro do século XIX, pertencer à literatura brasileira e ser um escritor mineiro. A escolha da época na qual o livro foi escrito foi influenciada pela seleção do escritor, tendo que o trabalho é situado dentro da literatura brasileira como uma identificação da cultura nacional. Foi feita uma

listagem com possíveis autores e dentro desta, uma pesquisa sobre eles, levando à escolha do escritor mineiro Bernardo Guimarães.

A escolha desse escritor foi mediada pelo destaque de algumas de suas características de estilo. Bernardo Guimarães, escritor mineiro, nascido em Ouro Preto, foi magistrado, jornalista, professor, romancista e poeta. Patrono da cadeira número cinco da Academia Brasileira de Letras publicou várias obras, como, Cantos da Solidão (1852), O Garimpeiro (1872), A Escrava Isaura (1875), Folhas de Outono (1883), entre outros.

A relevância maior no trabalho de Bernardo Guimarães é a sua minuciosidade nas palavras e a exuberância do texto. Suas descrições contam com ricos detalhes sobre os ambientes abertos e fechados, impregnados pelas memórias de infância dos lugares em que morou. Sua narrativa é fluente e leve, capaz de evocar uma intensidade nos sentimentos de identificação do leitor, mesmo que este não se identifique com os espaços onde fluem as tramas, para com o texto. Seu trabalho esmerado e regional é elogiado por Hélio Lopes, em uma pequena introdução do livro *O Seminarista* em sua 9ª edição:

De conformidade com o seu modo corrente de narrar e com a preocupação de retratar de maneira a mais real possível a vida dos habitantes dos lugarejos interioranos, o estilo se enriquece de modismos familiares e populares, de comparações ou símiles extraídos do mundo circundante [...](GUIMARÃES, 1982, p. 7).

O texto de Bernardo Guimarães segue com teor religioso, já que este livro tem como temática questionar o celibato dos padres, mas vemos aspectos simplórios e substanciosos, que representam bem as características do sacerdócio, da vida em uma área rural e das expressões de sentimentos. Uma fala que representa bem essa capacidade do autor, expressa por Hélio Lopes(1982, p.6), que diz: “O Seminarista é mais um relato pastoral, uma história de amor nascida na infância, no meio de paisagem campestre e amena...”. Nesse trecho, Hélio identifica os três elementos que se relacionam durante toda estória: a religiosidade, os sentimentos e as paisagens.

Todo processo criativo desenvolvido dentro deste trabalho, obteve uma etapa inicial sistematizada pela escrita. Passar do texto para a imagem exigiu uma compreensão

racional anterior, relacionada com a fluência específica deste projeto, essas etapas podem constantemente variar de acordo com cada indivíduo na execução deste. Existem alguns vieses para que essa transição aconteça e nesta experiência o valor da escrita foi de suma importância.

O texto do autor como base, ainda passou por diversas anotações, apontamentos e esclarecimentos concomitantes com a etapa de leitura do livro. Neste percurso foram feitos marcações e registros dos trechos em que a descrição detalhista de lugares, pessoas, sentimentos, etc, se destacaram. Estes trechos se encontram anexados no final deste trabalho, para constantes consultas e localização dos leitores.

Com a relação literatura e vestuário a expectativa era escolher um livro, cujo autor fizesse constantemente a descrição das roupas dos personagens. Entretanto, com a leitura de *O Seminarista*, a percepção foi de que o autor propunha como eram suas figuras e seus estilos, sem dizer tanto sobre as roupas em si. Essa característica tornou o trabalho mais desafiador, entrando num processo de abstração e interpretação autônoma bem mais ampla.

É interessante neste processo, que Bernardo Guimarães, por bastante detalhismo em seus textos, em *O Seminarista*, a descrição do vestuário não é feita constantemente. Os trajes mais colocados são os relacionados ao presbitério, já que há uma conotação religiosa que é a parte fundamental do contexto.

Após a classificação dos trechos do livro, escolhidos por identificação pessoal, a ideia ainda permanecia em caracterizar de forma imagética todos os personagens e alguns locais. A ideia sobre os personagens ficou constantemente envolta com a noção de religiosidade, que está em essência na obra, e na maioria das vezes que de fato descrevia algum tipo de vestuário, dizia sobre trajes eclesiásticos.

A tentativa inicial foi ir por esse caminho, trabalhando as descrições mais tangíveis dentro das descrições do texto. Porém ao longo do processo percebeu que as colocações

mais figurativas do vestuário, que em sua maioria se tratam de trajes religiosos não despertaram afeição suficiente para ser o objeto de transição do legível para o visível.

Apesar dessa possível facilidade de transpor um vestuário que já está explícito no texto, as descrições dos trajes religiosos não se tornaram tão interessantes a percepção sensitiva e visual. Associa-se a este fato a tendência percebida no autor, que parece descrever com frieza e obscuridade o universo relacionado à vida eclesiástica. Representando bem esse contraste entre os mundos representados na estória, Hélio Lopes (1982, p.6) novamente em sua introdução ao livro diz, “Carrega nas tintas, como se diz, para forçar quanto pode, o antagonismo entre a claridade aberta do mundo e o ambiente escuro e sufocante do seminário”.

Chamaram a atenção os trechos que com muita intensidade e sutileza Bernardo Guimarães descrevia alguns lugares da estória e em particular, como falava da personagem Margarida. Essas falas eram sempre muito exuberantes, possibilitando uma proximidade imensa do sentir a existência daqueles lugares contados e também, principalmente sobre os dois protagonistas da estória, Margarida e Eugênio, se conectar aos seus anseios de amor e angústia.

É interessante que a relação entre vestuário e personagem, configura muito a personalidade das figuras do texto. No caso de Margarida, as descrições de sua personalidade, nos guia pra uma ideia de como seriam seus trajes, de acordo com sua energia, liberdade, movimentação nas cenas, os próprios ambientes dizem de qual vestimenta ela estaria usando.

Os trechos onde as palavras expressam vida, muita intensidade, paixão, energia, delicadeza, se destacaram na leitura. Detalhes contados como que se fossem pintados numa tela, fluindo em cores, formas, sensações, características de cada ser vivo e objetos inanimados da narração. É essa a relação entre as artes, é quando se conecta as palavras e as imagens, a conexão se torna enriquecida, porque carrega informações do texto e também, elementos da vivência do leitor.

Foi durante a seleção dos trechos, que de uma maneira muito espontânea ocorreu à identificação com a personagem Margarida, que até então ficou em segundo plano enquanto ainda se esperava despertar o interesse por Eugênio e suas experiências religiosas. Conhecida pelas palavras de Bernardo Guimarães (1982) como uma menina, que desde a sua infância até sua juventude era cheia de vivacidade, energia e ingenuidade e ainda associada às características dos lugares e sentimentos, tornou a estória fascinante.

Margarida uma moça vívida, de pele morena suave, agradável, que com sua simplicidade torna tudo gracioso. Seus gestos, sua cor, seu cheiro, o caminhar, o sorriso, suas roupas etc, sempre faziam das cenas as quais ela estava envolvida muito excitante (GUIMARÃES, 1982). Mesmo sendo tão estimulantes, as descrições da menina não se tornaram algo vulgar, Bernardo Guimarães conseguiu manter fervor e sutileza andando juntos, construindo a essência da personagem.

Essas são impressões da personagem após a leitura do livro, uma jovem marcante por suas qualidades e também muito cativante. O autor é bem consistente a seu respeito, e cria um universo de inocência e fervor ao redor de Margarida. Através dessas percepções sobre a personagem a identificação do processo mental, fluí com muita nitidez.

O autor caracterizou muito bem a figura feminina, dentro das fases que ela vive na estória, infantil até certo momento e a sua mocidade, e como observado ele pouco descreveu sobre os trajes de Margarida, mas faz relatos sobre a jovem:

[...] linda mocetona, alta, garbosa, bem feita e em toda sua plenitude de seu desenvolvimento. [...] se transformado na mais encantadora moça. A tez era de um moreno delicado e polido, como resvalando uns reflexos de matiz de ouro. Os olhos grandes e escuros tinham essa luz suave e aveludada, que não se erradia mas parece querer recolher dentro da alma todos os seus fulgores à sombra das negras e compridas pestanas [...]; as sobrancelhas pretas e compactas davam ainda mais realce [...]. Os cabelos, uma porção dos quais trazia soltos por trás da cabeça, lhe rolavam negros e luzidios sobre os ombros [...]. Ao mais leve sorriso, que lhe entreabria os lábios, cavavamse-lhes nas duas mimosas faces com uma graça indefinível essas feiticeiras covinhas [...]. A boca onde o lábio inferior cheio e voluptuoso dobrava-se graciosamente sobre um queixo redondo e divinamente esculpado, a boca era vermelha e úmida como uma rosa orvalhada. O colo, os ombros, os

braços, eram de uma morbidez e lavor admiráveis. (GUIMARÃES, 1982, P. 43-44)

São palavras bonitas, e muitas comparações com elementos da natureza, Bernardo Guimarães não economiza nos elogios à moça. É gostosa essa leitura, você se excita quando imerso nessas descrições, e delas você viaja em muitas possibilidades de quem era e como era Margarida. Uma das sensações de forma bem dedutiva, é que se tratando do vestuário, a jovem menina se vestia de maneira livre, com leveza, roupas que combinavam com o espírito gracioso da personagem.

Após a etapa de seleção da personagem a qual o trabalho está direcionado, seguimos com o processo de transposição. A ideia é transformar o conteúdo denso de palavras, que foram selecionadas dentro do texto durante a leitura em um painel de inspiração teórico e posteriormente, um painel imagético. Como citado anteriormente, a relação com o texto é muito relevante nestas construções.

A dificuldade neste processo foi extremamente notada a partir do momento em que sair do universo escrito foi necessário. Sendo uma experiência individual onde trabalhar com o desenho exige uma exposição maior, visto que nessa etapa se refere ao uso da criatividade e do lúdico. Sair do contexto racional da escrita fez surgir a necessidade de criar algumas etapas e seguir alguns dos métodos de criação aplicáveis a diversas áreas, inclusive o Design de Moda.

O ponto de partida nesta fase foi selecionar palavras que se reportassem a elementos com aspectos mais tangíveis. Mesmo na seleção de palavras que se referem a qualidades e sentimentos, a ideia foi aproximar imageticamente a um recurso de forma concreta. Desmembrando pouco a pouco a relação significativa dentro das formas e das cores e criando um universo imagético representando a interpretação do texto.

Falando sobre a criatividade, uma característica geradora de idéias, associada muitas vezes a um dom específico de um indivíduo, ela não surge do nada. A criatividade vem de uma associação de experiências e novos fatos, que são utilizados dentro de um processo. A criação vem associada a muitos elementos, e precisa de gatilhos iniciais para fluir, um ponto de partida.

Chegamos ao momento em que a ideia será exposta de maneira visível, demonstrando a sua interpretação em cima da leitura feita. Expondo criatividade e percepções construtivas que darão forma as ideias mentais que se desenvolveram durante a fase do texto. Fazemos então uma recapitulação das etapas iniciais e do intuito desse processo nos próximos parágrafos.

Considerando a capacidade de registro da escrita e isto dentro do texto, ao lermos a estória passamos por um processo que possui algumas etapas. O caminho percorre desde a ideia do autor e a descrição desta que em contato com o espectador induz a leitura, a interpretação e a imaginação, até a ideia do leitor. Se há a legibilidade podemos compreender e transpor o registro escrito para o processo mental e deste chegamos ao que é visível.

É nesse sentido que através da leitura de *O Seminarista* (1982), e selecionando alguns trechos do livro experimentou-se esse processo de uma maneira mais perceptiva. A primeira ação foi a escolha do livro, nele entende-se que houve uma ideia da estória, contextualizando local, época, classes sociais, etc., posteriormente a descrição da ideia situada em seu contexto. Na etapa em que o espectador tem participação, o processo se guia pela leitura do texto, interpretação e a imaginação.

É importante perceber que nesse momento o leitor, pode conduzir-se por dois caminhos, sendo um deles a intenção de interpretar de uma maneira aproximada do que o autor imaginou para sua obra – nesse caso estudar evidências do período da criação do livro, obras daquela época, conhecer o estilo do autor, um aprofundamento desses aspectos é de essencial importância – e o outro é ler permitindo-se interpretar a sua maneira deixando-se mais livre para essa experiência.

Concomitante ao processo da interpretação ao longo da leitura há o curso da imaginação e criatividade. São nestes momentos que a mente vai criando imagens e associando o que é lido ao que é pensado. É uma junção passível a cada ser humano, permitindo

possibilidades diversas de transposições, já que cada uma depende de aspectos individuais para sua formação.

A escrita como a fonte geradora das ideias para o pensamento imagético. Neste trabalho foi inviável diminuir o processo escrito, pois durante a execução percebeu-se a relevância para as etapas seguintes. A interpretação do texto de Bernardo Guimarães, foi um processo mental, uma forma de compreender os capítulos, através da visão do leitor.

Neste trabalho, a palavra escrita compõe a construção imagética do processo, sem intenção de juízo de valor sobre ambos os aspectos. Constitui-se dessa forma apenas pelo fato de as habilidades nesse trabalho estarem voltadas para as palavras. Sendo sua base um livro e o processo de criação advindo das palavras selecionadas no texto.

A partir desse momento há a construção dos painéis imagéticos, sendo eles o de palavras, cores e o de formas, inspirados no texto. Esses elementos, recortes da narrativa, poderão ser utilizados em outros processos de criação, gerando uma fonte imagética, que recontará de alguma forma a estória.

A carga criativa nessas trocas de experiências entre as mídias é incrível, são conteúdos advindos de uma junção de experiências e visões diferentes. E haverá possibilidades infinitas quando cada criação pouco a pouco for passando por novas idéias. O livro O Seminarista trouxe com ele muitos elementos, características peculiares do escritor, da época, do ambiente onde foi escrito e onde a estória se passou, juntando todas essas informações e conteúdo à bagagem do leitor, tem-se transposições incríveis.

O painel de palavras constitui os termos com carga qualitativa, formal, natural, definições que expressam sentimento pelos locais e personagens e as descrições destes. A ideia foi trazer no conteúdo desse painel, aquilo que contribuiria para a concretização das formas durante a interpretação, e que demonstrassem a intensidade das descrições permitindo captar bem, dentro dessa etapa a essência da personagem escolhida.

As palavras selecionadas foram: seios túrgidos, alta, moreno pálido, luz aveludada no olhar, sobrancelhas pretas, feiticeiras covinhas, queixo redondo, tranqüila, esmero, boca úmida, bom natural, engraçadinha, vivacidade, extrema docilidade, gentil, plenitude, rosto faceiro, bem feita, linda, rosto mimoso, boca vermelha, anjo, morena, boca como uma rosa orvalhada, morbidez e lavor, olhos negros, olhos grandes, cabelos compridos, olhos vivos, corpo esbelto, viva, cabelos negros, corpo flexível, encantadora, graciosa, lábio inferior cheio e voluptuoso, queixo divinamente esculpado, alegre, fulgores, mimosas faces, busto encantador, bafejo suave, olhar terno, formosa, deslumbrante, esplendor, nos olhos luz lânguida, mimosa, frescor, esplendor, expressão voluptuosa, deslumbrante, formosa, faces desbotadas, matiz de jambo, suave, colo e braços acetinados, esmero, alegre.

Através das palavras buscaram-se imagens que de alguma maneira lembravam, suscitavam o que as palavras exprimiam, muito além de só sentido literário, mas também afeições. Abaixo se seguem algumas das imagens selecionadas durante o processo, ajudando a fixar as percepções e sensações com o texto.

Figura 1- Padre Antônio Vieira

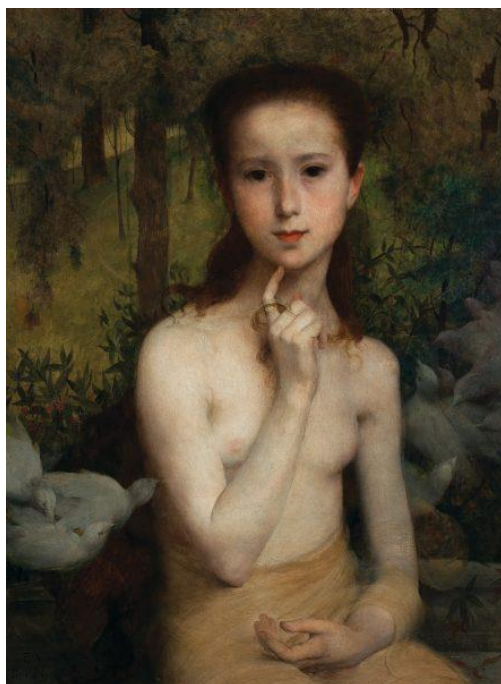


Figura 3 - Bonito senhora



Fonte: Produto de decoração.

Figura 4 - Gioventù



Fonte: Eliseu Visconti, 1898.

Figura 5 - Daisy Delight Palette



Fonte: Craftsy. Chris Hobel. 2018.

Figura 6 - Pannel de inspiração mulheres

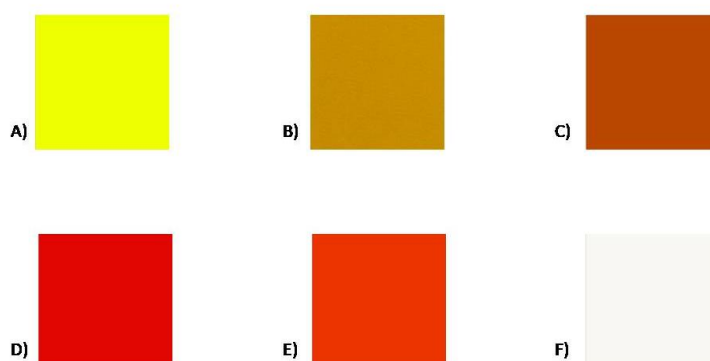


Fonte: Caderno de processo. 2018.

O painel de cores veio através do de palavras, inspirado por tons que foram dados explicitamente, como aqueles relacionados à natureza e cores associadas às partes do corpo de Margarida. Estas cores são aquelas que relembram, representam e vestem a personagem, mesmo não sendo ditas claramente no texto. Você associa cores a intensidade da menina e a sua liberdade também, duas características fundamentais para a escolha do universo de cores.

As cores da personagem refletem duas qualidades evidentes em sua descrição, intensidade e liberdade. Menina extremamente ligada a natureza, à terra, grama, árvores, aos animais, ao céu. Estas características representam o lado livre, solto, saltitante, fresco, ingênuo e alegre de Margarida. Referente à intensidade de seu personagem, relacionamos a força, personalidade, paixão, sedução, beleza, corpo, cabelo, encantamento. As cores definidas estão representadas nas imagens 1 e 2, logo abaixo, indicando as tonalidades que foram escolhidas através do processo de inspiração.

Figura 7 - Painel de cores quentes



Fonte: Sistema de cores PANTONE.

Legenda: a) PANTONE 13-0663 TSX Sun Glare

b) PANTONE PQ- 125C

c) PANTONE 1525C

d) PANTONE 2347 C

e) PANTONE 2028 C

f) PANTONE P 1-1 C

Figura 8 - Painel de cores frias



Fonte: Sistema de cores PANTONE

Legenda: g) PANTONE 2421 C

h) PANTONE 2427 C

i) PANTONE 2748 C

O painel de formas surgiu em duas etapas, a primeira através de recortes nas imagens dos painéis de referências, e o outro através dos trechos selecionados. Formas que lembram a essência de Margarida e o sentimento da estória, que se associam e formam um contexto. É o painel mais trabalhoso no sentido de fazer essa conexão, a escolha feita não se aproximou tanto, quanto ao esperado, da essência do percurso até aqui.

As formas trazem certa rigidez e o detalhismo do escritor, o sentimento geral passado pela estória. Sendo o painel mais denso no sentido de menos liberdade de expressão do processo. Ainda assim, é possível desenvolver através dele, as conexões que permitem uma fluidez e vulnerabilidade aos traços de criação individual.

Figura 9 - Painel de formas



Fonte: Caderno

de processo.

Após a definição dos painéis, seguiram-se as etapas para chegar ao desenvolvimento criativo, que não determinou inicialmente um item específico de resultado. Com a proposta da leitura do texto, da compreensão da maneira pela qual o vestuário influencia uma história literária, se fez chegar, posteriormente ao processo criativo final. Essas partes sequenciadas foram utilizadas, também, para o desenvolvimento de algum artigo, seja de peças artísticas, de moda, artesanais ou funcionais.

Um dos pontos importantes observados e também já comentados é como o retorno constante aos trechos do livro e às palavras apreciáveis do processo foi muito intenso. Ao ler essas descrições tão minuciosas, o sentimento de criação, se é que assim se pode chamar, afluía o tempo todo. É aquele ponto de restabelecimento da ideia que foi sendo gerada ao longo da leitura, reacendendo as conexões com o espírito desenvolvido entre leitor e história.

Após todas essas etapas, processo de levantamento de imagens, leitura constante dos trechos selecionados do livro, chegou-se no momento do desenvolvimento de imagens e cenas. Estas representam a interpretação e assimilação do leitor para com o texto e seu universo mental. O momento da transposição e descrição através de outros signos do sentimento absorvido no processo.

Como citado no início do trabalho, o foco da pesquisa nunca foi o resultado final, mas sim o processo desta proposta. Os desenvolvimentos dos desenhos veem como resultado natural das etapas, depois de absorver cada aspecto desenvolvido. Neste ponto já existe uma relação intensa com as referências utilizadas e as memórias construídas nesse contato.

A criação dos desenhos demonstra quais aspectos foram mais assimilados e com qual intenção o leitor mais se relacionou. Eles irão expressar intenções que conectadas com as informações do texto mais a percepção do espectador, trarão resquícios da sua inspiração, mas também pode desenvolver criações totalmente desconectadas em um sentido mais imediato.

Os desenhos aqui desenvolvidos carregam a ideia de misturar elementos que transmitem características como a rigidez de alguns ambientes descritos no livro, como o seminário. Em contraponto colocar elementos que demonstrem fluidez, leveza, alegria, amor, paixão, em referência à personagem Margarida, a inspiração principal do processo. O uso de figuras sólidas, linhas, tracejados, parte de figuras cuja referência se encontra no texto, foram as principais escolhas para o desenho.

Como a relação com o texto sempre se manteve forte desde o início do processo, houve a tentativa de trabalhar uma imagem formada por palavras, uma experiência dentre as tentativas. As palavras também são elementos visíveis e podem se tornar uma estampa um bordado, podem contar e mostrar histórias. Essa tentativa veio para mostrar que a transposição ela pode acontecer de várias formas, ela não está presa a uma ideia de uma ilustração caricata da narrativa, está livre para se formar e gerar novas possibilidades.

Dentro desse contexto dos desenhos desenvolvidos, eles não sendo o foco, porém cada um deles veio da mesma inspiração e fazem parte da etapa que corresponde ao universo visível. Como há a relação com o vestuário, elemento relevante da pesquisa, eles foram pensados para que possam se tornar desenhos de bordado fazendo mais uma conexão de áreas. Trabalhado aqui o texto, o vestuário, o desenho e o têxtil, relações essas que são tão usuais no universo da arte.

Figura 10 – Desenho para bordado



Fonte: Caderno de processo. 2018.

Este é um dos desenhos desenvolvidos no caderno de processo, resultado do processo de transposição do texto para a imagem. A ideia nos desenhos foi trabalhar a leveza e a paixão que a personagem margarida trouxe em suas características e um pouco da rigidez passada com os relatos da parte religiosa da estória. Figuras sólidas e fluídas juntas, este desenho será base para um bordado e tem seus pontos definidos através da pesquisa.

Os pontos escolhidos para esse bordado foram o ponto alinhavo para os quadrados e as linhas pontilhadas e o ponto de aresta para as linhas curvas. Chegamos a este ponto do trabalho desenvolvendo alguns desenhos de bordado, a intenção é dar continuidade ao projeto desenvolvendo os bordados criando um livro de cenas bordadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do trabalho teve outra linha de pesquisa, voltada para a arte azulejaria e a arquitetura islâmica. A intenção era desenvolver uma ligação entre essas áreas e a moda, criando, através das inspirações, desenhos para bordado. O uso dessas referências visuais seria destinado à aplicação têxtil, desenvolvendo um catálogo de amostras de pontos e bordados.

A intenção era desde a primeira proposta, fazer uma conexão entre áreas, criando um processo de desenvolvimento criativo. Porém durante o processo, a inspiração foi mudada, passando de elementos visuais para elementos verbais, entretanto, mantendo a possibilidade de interação entre as artes. A partir desse momento foi preciso descobrir como seriam as etapas seguintes para que a forma de relacionar vestuário e literatura existisse.

Em observação do percurso deste trabalho percebeu-se que muitas mudanças e percepções foram realizadas. A análise que seria feita sobre o livro escolhido, *O Seminarista*, tornou-se uma observação muito voltada para área de Letras, o que não era o intuito. Fazendo as observações sobre a narrativa percebeu-se que mesmo com a característica detalhista de Bernardo Guimarães, neste livro em específico, ele não descreve com frequência a indumentária de seus personagens, o que pareceu ser um problema inicialmente.

Devido a abordagem tomada durante o trabalho, tirou-se dessa percepção o fato de que não necessariamente o autor precisa descrever o vestuário de seu personagem consistentemente. O trabalho aqui foi conhecer aspectos do personagem através das descrições de sua personalidade e energia, e a partir delas montamos no imaginário uma diversidade de elementos que combinariam com aquela essência.

A relevância de evocar alguns aspectos através da leitura é percebida quando vemos a construção da narrativa. O que se pretendia investigar era como o vestuário dentro da história se tornava um elemento importante e construtivo. Usar elementos têxteis faz

parte da caracterização, eles representam modos, riquezas, estado de espírito, pode-se conhecer melhor um personagem ou um local devido aos elementos têxteis descritos.

Apesar de encontrar outra característica em *O Seminarista*, chegou-se a conclusão de que o vestuário está tão relacionado a códigos, que por descrição de outros elementos podemos facilmente sugerir a vestimenta de um personagem. É possível identificar características que se relacionam com modo de vida que dirão muito sobre os trajes adequados, ainda mais por se tratar de um livro do século XIX, onde essas separações por classe e atividades eram bem evidenciadas.

A definição do intuito da pesquisa se concentrou em estudar a relevância do uso da descrição do vestuário na narrativa e também como gerar um processo criativo que de palavras do texto gerasse imagens, cenas, vestuário, bordados, estampas, etc. Seguindo esse caminho, passou-se por um novo conhecimento que denominaria as relações entre áreas e mídias, a intermedialidade.

Nesse processo, ateu-se bastante ao conteúdo verbal, o que gerou algumas dificuldades no desenvolvimento dos desenhos, o próprio caminhar imagético sofreu um pouco mais para ser desenvolvido. As palavras sempre chamaram muita a atenção e fez com ficasse muito tempo dedicado a elas. Concentra-se a elas um valor muito grande no processo, pois a identificação com esse universo é se tornou forte, mas precisava-se chegar a outra etapa do trabalho.

A consideração deixada aqui se trata de relatar que realmente se pode ver que construir narrativas descrevendo elementos têxteis é uma ferramenta útil e eficaz. O valor do vestuário em uma história o torna elemento importante de caracterização. A relação entre as artes ela existe e há muitas possibilidades, e essa é uma experiência gostosa de ter. Poder conectar palavras, imagens, vestuário permite muitas combinações diferentes.

E a experiência do processo, que foi a questão mais importante neste trabalho, ela se torna muito particular. Esse processo depende da interpretação do texto, das percepções do leitor, elas se conectam com a proposta do autor do livro, mas é algo muito

individual e característico, o que gera mais possibilidades. Cada um irá se identificar especificamente por algo que mais lhe chamar a atenção e irá construir seus pensamentos de acordo com a sua percepção de mundo.

Neste trabalho, como já dito, as palavras tiveram valor fundamental, não só como a inspiração sendo um livro, mas o tempo todo elas estavam presentes nas etapas de construção dos painéis imagéticos e das imagens. Foi o caminho encontrado nesta experiência em particular, sendo toda possibilidade válida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Daniella; AGUSTONI, Prisca; CARRIZO, Silvina. **Ipotesi**. Juiz de Fora, v. 19, nº 1. 2015.

ARBEX, Márcia (org.). **Poéticas do visível**: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia Bernardo Guimarães**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/bernardo-guimaraes/biografia>>. Acesso em: 30 set.2018.

BELMIRO, Celia Abicalil. **Entre modos de ver e modos de ler, o dizer**. Educação em Revista: Volume 28, p. 105-131. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2012.

BLOG FALANDO EM LITERATURA. **Resenha**: “O seminarista” de Bernardo Guimarães. Disponível em: <<https://falandoemliteratura.com/>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª edição, São Paulo: FTD, 2007. 864 p.

CLUVER, Claus. **Intermedialidade**. Revista Pós. Volume 1, número 2. UFMG, Belo Horizonte, 2011.

COSTA, Cacilda Teixeira da. **Roupa de artista**: o vestuário na obra de arte. Imprensa oficial do estado de São Paulo. EDUSP, 2009. 312 p.

GOMBRICH, Ernst Hans. A História da Arte. 15ª edição, Tradução Álvaro Cabral. Título Original The Story of Art. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro. 1993.

GUIMARÃES, Bernardo. **O Seminarista**. 9ª edição. Ática. São Paulo. 1982.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª edição revisada e ampliada. Editora Cultrix São Paulo. 1997. 520 p.

PACCE, Lilian. **À Moda de Sonia Delaunay**. Disponível em: <<http://www.lilianpacce.com.br/moda/fashionteca/sonia-delaunay/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

RUBIM, Renata. **Desenhando a Superfície**. São Paulo: Edições Rosari, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 – Trechos de O Seminarista

“[...] uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e nova. Uma porta e duas janelinhas formavam toda a sua frente” (GUIMARÃES, 1982, p. 9).

“A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexível como o pendão da imbaúba” (GUIMARÃES, 1982, p. 9).

“Dizendo isto, a menina levanta-se da relva, e, atirando para trás dos ombros os negros e compridos cabelos, sacudiu do regaço uma nuvem de flores despencadas” (GUIMARÃES, 1982, p.10).

“[...] sua asseada e garrida casinha, alvejando entre o verdor das balsas e campinas que a circundavam [...]” (GUIMARÃES, 1982, p.13).

“[...] era uma encantadora menina, de muito bom natural e muito viva e engraçadinha” (GUIMARÃES, 1982, p.14).

“Margarida, por sua graça e gentileza, extrema docilidade e precoce vivacidade, era mui querida [...]” (GUIMARÃES, 1982, p.17).

“[...] o faceiro e mimoso rosto de Margarida [...]” (GUIMARÃES, 1982, p.29).

“[...] linda mocetona, alta, garbosa, bem feita e em toda a plenitude de seu desenvolvimento. [...] tinha-se transformado na mais encantadora moça. A tez era de um moreno delicado e polido, como resvalando uns reflexos de matiz de ouro. Os olhos grandes e escuros tinham essa luz suave e aveludada, que não se irradia, mas parece querer recolher dentro da alma todos os seus fulgores à sombra das negras e compridas

pestanas, como tímidas rolas, que se encolhem escondendo a cabeça debaixo da asa acetinada; as sobrancelhas pretas e compactas davam ainda mais realce [...]. Os cabelos, uma porção dos quais trazia soltos por trás da cabeça, lhe rolavam negros e luzidios sobre os ombros como catadupas enoveladas de uma cachoeira. Ao mais leve sorriso, que lhe entreabria os lábios, cavavam-se-lhe nas duasmimosas faces com uma graça indefinível essas feiticeiras covinhas [...]. A boca onde o lábio inferior cheio e voluptuoso dobrava-se graciosamente sobre um queixo redondo e divinamente esculpado, a boca era vermelha, fresca e úmida como uma rosa orvalhada. O colo, os ombros, os braços, eram de uma morbidez e lavor admiráveis” (GUIMARÃES, 1982, p.43-44).

“[...] e Margarida, com os seus quatorze, já era uma moça feita em toda plenitude e esplendor de seu rápido desenvolvimento” (GUIMARÃES, 1982, p.55).

“[...] encaminhar-se para as paineiras do vargado pálida e chorosa, com as madeixas revoltas e dispersas pelos ombros, como palmeiras a que o sopro violento da tormenta vergara o colo [...]” (GUIMARÃES, 1982, p.81).

“[...] Margarida estava também ajoelhada ao lado dele como nos tempos de seus brincos de criança, e era ela o anjo, que nas asas de neve e ouro levava as suas preces [...]” (GUIMARÃES, 1982, p.88).

“Volvia e revolia na lembrança com amarga complacência todos os encantos do corpo de Margarida – a boca úmida e vermelha, ninho voluptuoso de beijos e sorrisos – os seios túrgidos ofegando alterosos em ânsias amorosas – os olhos quebrados nadando em eflúvios de ternura – o bafejo suave e perfumado como as emanções de um rosal [...]” (GUIMARÃES, 1982, p.100).

“Margarida estava deslumbrante de formosura. As madeixas opulentas de seus compridos cabelos, rolando-lhe em torno dos ombros em um denso e escuro nevoeiro, davam o mais esplêndido realce ao busto encantador; os grandes olhos negros, cheios de

uma luz sombria e melancólica, fixos sobre o padre eram como brandões ardentes e sinistros, que lhe queimavam a alma” (GUIMARÃES, 1982, p.113).

“Levantou-se alegre e tranquila, penteou seus negros e compridos cabelos, plantou entre eles um botão de rosa, seu enfeite favorito, e vestiu-se com certo esmero e faceirice, como noiva, que se prepara [...]” (GUIMARÃES, 1982, p.120).

“Tinha nos olhos uma luz tão lânguida e quebrada, na boca uma expressão tão voluptuosa, as faces um tanto desbotadas tinham um matiz de jambo tão suave e delicado, e o colo e os braços acetinados eram de tão fresca e mimosa morbidez [...]” (GUIMARÃES, 1982, p.120).